O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2010

VOLUME I

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO - SEED
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO – SUED
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ - UEM
FACULDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS E LETRAS DE CAMPO MOURÃO
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE
MARIA DE LIMA NASCIMENTO

ARTIGO FINAL

IMAGEM E DISCURSO DA CIDADE: ESTUDO COMPARADO DE FOTOGRAFIAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA CIDADE DE UBIRATÃ 1950 AOS DIAS ATUAIS A PARTIR DAS PROBLEMÁTICAS AMBIENTAIS

CAMPO MOURÃO
2012

IMAGEM E DISCURSO DA CIDADE: estudo comparado de fotografias sobre a construção da cidade de Ubiratã 1950 aos dias atuais a partir das problemáticas ambientais

Autor: Maria de Lima Nascimento[1]
Orientador: Jorge Pagliarine Júnior[2]

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar uma visão geral sobre a colonização do município de Ubiratã nos aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais. O surgimento do município está atrelado ao processo de ocupação do Noroeste Paranaense pela Empresa Colonizadora SINOP. O mesmo norteia-se na proposta do PDE - Programa de desenvolvimento Educacional do Paraná, turma de 2010. O trabalho vem informar ao aluno uma gama de conhecimento sobre a preservação da história local, através da fotografia. Trabalhando o conceito de ecologia, e com construção de narrativas a partir da apresentação de imagens. Considera-se, portanto a história e biografia do município, origem, nome de tribos que na época lá habitavam, hino e seu significado, coleta de fotos. Para isto serão desenvolvidas atividades como leituras, tarefas e trabalhos com instrumentos tecnológicos existentes na escola e na comunidade. E também o acesso ao museu, bibliotecas e casa da cultura, observando a história da família na comunidade e sociedade a qual estão inseridos.

Palavras-chave: cidades, fotografias, meio ambiente, memórias.

---

[1] Professora especialista em história do Brasil e Geografia pela FECILCAM e UNIOESTE. Professora da Educação Básica do Quadro Próprio do Magistério do Paraná. Licenciada em Geografia e Pedagogia com habilitação em Administração e Gestão Escolar. Participante do PDE 2010/2011. marilinas@seed.pr.gov.br.

[2] Orientador e professor de História da FECILCAM com mestrado em História. pagliajr@yahoo.com.br

IMAGE AND DISCOURSE OF THE CITY: a comparative study of photographs about the construction of Ubiratã city from 1950 to the present days through environmental issues

Author: Maria de Lima Nascimento[1]
Advisor: Jorge Pagliarine Júnior[2]

ABSTRACT:

The aim of this paper is to present an overview about the colonization process in Ubiratã city, in the economic, social, political and cultural aspects. The uprising of the town is related the occupation process of the northwest region of Paraná state by SINOP colonization company. This work is based on the PDE program - Programa de desenvolvimento Educacional do Paraná, 2010 group. The work has the aim to provide information for students related to preservation of local history through photographs. Bearing in mind the concept of ecology and with the writing of narratives through the presentation of images, it was considered the history of the town, origin, names of tribes which inhabited the territory, anthem and its meaning, photo collection. In this way, some activities will be required such as readings, homework and projects with the use of technology available at school and in the community. And also, the access to a museum, libraries and a memorial house, observing the history of the family, the community and society which they are part of.

Keywords: cities, photographs, environment and memories

[1] Teacher specialized in Brazilian History and Geography from FECILCAM and UNIOESTE. Teacher in the state of Paraná, majored in Geography and Pedagogy, minor in Business and school counseling. Participant of the PDE Project in 2010/2011. marilinas@seed.pr.gov.br.

[2] Advisor. History professor at FECILCAM with a master's degree in History. pagliajr@yahoo.com.br.

1 Introdução

O presente estudo discute com a História contemporânea e tem como base a história local, envolve a história da família dos alunos, e procura construir um novo olhar sobre a transformação do município.

O principal objetivo do trabalho foi desenvolver no aluno o gosto pela História por meio da fotografia e por tudo que ela representa através da história local. As atividades pedagógicas estarão ao alcance dos alunos de acordo com seu nível de ensino: sétimas séries. Por meio de projetos, ações, pesquisas e de acordo com as necessidades da sala de aula, buscamos desenvolver o gosto pela problematizarão da relação história local e usos dos recursos naturais renováveis, despertando valores, talentos e espírito de cidadania. Sendo professora de História e educadora, acredito na transformação do ser humano através da oportunidade, mudando para melhor a História da família, comunidade e da sociedade a qual pertence e está inserida de modo geral.

Neste sentido, o desafio do programa foi o de problematizar junto aos alunos a afirmativa de que a história local, ou seja, do município de Ubiratã, nestes 50 anos, não é feita só por heróis e sim por cidadãos “comuns”.

Assim, a proposta metodológica optou pela instrumentalização de imagens comparadas de sujeitos e seu posicionamento frente ao meio ambiente, entre os anos de 1950 a 1980. A partir dessas problemáticas apresentamos discursos e apropriações desses pelos sujeitos históricos, dentro do recorte temporal e espacial selecionado.

Diferentes filtros retrataram a relação de transformação do espaço urbano, ainda resta a nossa pesquisa avaliar criticamente o conceito Ecologia. Mais do que incentivar o plantio de árvores e limpeza de ruas e rios, Leonardo Boff alerta para uma abordagem social da questão (BOFF, 2000).

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher seu futuro, pois ao longo de sua existência dominou plantas, terras e animais para, assim garantir sua vida. No entanto, a conquista do desenvolvimento desenfreado a custa do esgotamento dos recursos e da devastação da terra, causou o aquecimento global e mais consequências para a biodiversidade. O capitalismo no espaço econômico é

contra a natureza e incompatível com a vida na Terra, pois além de dominar, visa arrancar tudo dela. E o homem é o ser mais ameaçado da natureza, seguido das outras espécies de vida: os vegetais, além da fauna e flora que ao longo dos anos desapareceram.

As observações do autor podem ser entendidas a partir de toda uma leitura processual de progresso e esta leitura levará o aluno a abominar as inovações tecnológicas, ou seja, não será o caso de se eleger o termo românico de Ecologia em detrimento do progresso. Muito pelo contrário, a maneira como se dá a relação homem, progresso e natureza é que deve ser repensada. As leituras construídas e relidas a partir de imagens da transformação do local potencializam a discussão.

Corroboram para que as transformações históricas sejam avaliadas diante da esfera ambiental, econômica e social, superando-se assim a crítica vazia e romantizada ao progresso.

Esta discussão insere professor e aluno no âmbito das leis que norteiam a atual transformação espacial do lugar. Aqui devemos atentar ao fato de que estas leis ou normativas devem ser analisadas também com um olhar histórico, considerando as políticas, ideologias e necessidades históricas dos diferentes contextos referidos.

Nos anos de 1960, o ideal na lida diária era a de transformar, desmatar em nome do progresso, com a noção moderna de Ecologia apresentada acima. Ou seja, são construções e movimentos historicamente organizados e posicionados.

Seguimos com um diálogo entre cultura e natureza, norteados pela evidencia de que vivemos uma crise do paradigma moderno, e ganham novas leituras a partir da história local. Como destacou Leonardo Boff, neste contexto, o conceito de Ecologia não deveria servir a uma análise para qual, basta-se plantar árvores e o problema estaria solucionado. O tripé, meio ambiente, desenvolvimento econômico e políticas sociais desafiam nossa sociedade, e o próprio professor de História nos instiga a ir além da mera constatação dos estragos de modos de produção capitalista e da necessidade de se preservarem muitos outros sentidos. Daí a necessidade de se estabelecer um diálogo entre progresso e Ecologia. Esse caminho se dá também pela produção do conhecimento histórico.

O Trabalho com imagem iniciou-se com apresentação de fotografias pré-selecionadas pelo caderno pedagógico. Na sequência, buscou-se uma coleta de outras imagens a partir de arquivos pessoais dos alunos ou pessoas próximas. A partir das apresentações de fotografias potencializamos subjetividades. Os questionamentos foram significativos sobre quem produziu a imagem; como e quando fora publicada. Bem como as potencialidades do trabalho com narrativas.

Os objetivos gerais e específicos foram: trabalhar com os alunos o estudo da história local pela fotografia que retratem a transformação do espaço e a responsabilidade com o meio ambiente; repensar a partir de um olhar histórico as políticas regionais de colonização. Problematizar as leis que regulam a relação homem natureza a partir de um estudo processual e histórico.

Dessa forma, pautado na produção de estudo da história local, a partir de uma abordagem próxima das problemáticas destacadas pela Nova História, especificamente, Nova História Cultural, pretendeu-se valorizar os sujeitos históricos num debate próximo a questões culturais, políticas e econômicas, tendo por ponto de partida o processo histórico de apropriação e transformação da cidade de Ubiratã. Assim, atentamos a construção de territorialidades, discursos sobre meio ambiente, ecologia, e o próprio discurso em torno do progresso. Como já destacado, o caminho para tais discussões em sala de aula, foi à utilização de imagens comparadas entre a cidade nos anos de 1950 - 2000.

Na sequência, seguiremos com o diálogo sobre os principais apontamentos da fase de intervenção, com o debate teórico e metodológico que fundamentou a construção do caderno pedagógico e com problematização de alguma das atividades aplicadas e resultados alcançados.

1.1 O Município de Ubiratã: a historiografia oficial, o discurso do progresso no período da colonização e algumas possibilidades de produção do conhecimento histórico em sala de aula

Num primeiro momento, buscamos um diálogo com a historiografia oficial de Ubiratã, visto que os alunos já conheciam parte desse histórico. Assim as primeiras atividades pautaram-se no diálogo com textos e imagens referentes ao período da colonização.

Algo próximo ao proposto, pode ser confirmado por Raphael Samuel quando ele afirma:

> Nesta história não só uma foto ou imagem, mas sim um rabisco que pode acender a imaginação de um historiador, podendo requerer um tipo de conhecimento diferente daquela idéia do passado. Ele encontra descendo a rua, dobrando a esquina, seu ecos no mercado, ou lendo seus grafites nas paredes, ou seguir suas pegadas até o campo, ela tem a força popular e as pessoas se preocupam com as questões relacionadas ao local onde moram e conviveram seus antepassados e a explicação dos seus problemas: pessoais, econômicos, políticos e sociais com outro olhar (SAMUEL, 1990).

Ubiratã foi colonizada em 1954, pela Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná (SINOP), que comprou do Estado terras chamadas Gleba Rio Verde. Já na década de 1950, atraiu imigrantes por possuir terras com preço bom e de boa qualidade (terra roxa), de ótima fertilidade. Não foi diferente das demais cidades da região e a sua construção começou pelo desmatamento. Tinha a agricultura primária com produtos de subsistência e tendo no cultivo da hortelã seu primeiro ciclo.

Com esta equipe veio um grupo de engenharia e topografia que teve a missão de fazer picadas para se movimentar em rios e florestas.

Ubiratã recebeu imigrantes japoneses, alemães, italianos espanhóis, ucranianos e libaneses. E também migração de nordestinos, catarinenses, gaúchos, paulistas. Esse modelo de ocupação gerou conflitos com povos nativos que viviam com outros ritmos e costumes diferentes dos objetivos dos migrantes.

A colônia japonesa teve forte presença no município, pois os mesmos faziam boa parte da análise de conferência das terras férteis. Naquela época, quem comprava um “sítio” ganhava um terreno na cidade e teria o prazo de três meses para construir, favorecendo assim a urbanização. No início faltava

quase tudo: estradas, energia, médicos, escolas e alimentação. Mas isto não impediu seu crescimento. De 1950 a 1970 contava com 40.000 habitantes e de 1970 a 1980 chegou a 58.000 habitantes.

Ubiratã é uma palavra indígena que na língua Tupi Guarani significa madeira dura, madeira que tínhamos no município em meio à floresta habitada por índios *Kaigangues*.

Com a mecanização, a substituição do homem também pelas máquinas no campo, veio o êxodo rural, momento em que as pessoas migraram para as cidades em busca de oportunidades. Alguns mudaram para outros estados e até outros países. Hoje, a indústria é de pequeno porte, há poucos estabelecimentos comerciais, e há produção em grande escala de soja, milho e trigo. A partir de 2008 começou a ampliação da avicultura e, consequentemente, a construção de um moderno e amplo abatedouro de aves (SPERANÇA, 2008).

Figura 01: Ubiratã em 1950
Fonte: Arquivo Público Casa da Cultura

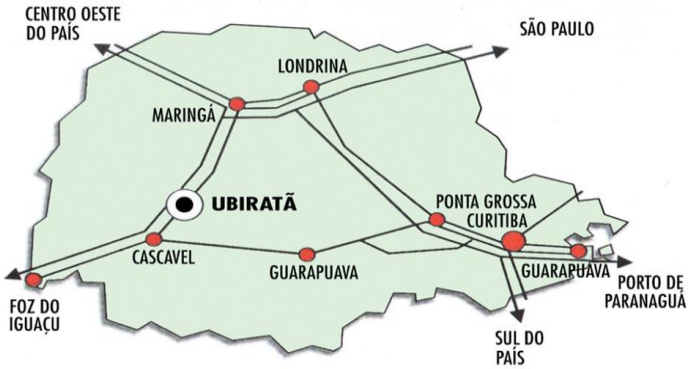

Figura 02: Mapa de Ubiratã em 1950
Fonte: Prefeitura Municipal de Ubiratã

UBIRATÃ, cidade no centro da Gleba Rio Verde, tem ótimo campo de aviação. A facilidade de comunicações faz de Ubiratã um centro ideal para quem deseja empregar capital numa cidade de crescimento rápido.

MAIS DE 100 FAMÍLIAS e 200 camaradas que trabalham de empreita já fazem de Ubiratã uma cidade que "cresce e produz". Seu futuro está em boas mãos. Terra boa com braço abundante é lucro garantido.

Estas terras se valorizam dia e noite, sem parar: 1º porque são de qualidade superior; 2º têm estradas para tôda parte; 3º têm todos os recursos, à mão; 4º isso tudo já está provado na prática. As facilidades de pagamento - sem juros - fazem dêste negócio um achado!

AS MATAS VÍRGENS DE RIO VERDE produzem 20 a 30 m³ de madeiras de lei por alqueire: mardim, peroba, cedro, etc. A extração de madeira, que tem freguêses no próprio loca, rende dinheiro limpo... e na hora!

QUASE 300 QUILÔMETROS DE RODOVIAS são percorridos dentro da Gleba Rio Verde, por automóveis, caminhões, ônibus - carros finos, inclusive, porque o que há são estradas, não "caminhos".

Figura 03: Início de Ubiratã

A 2a. COLÔNIA ESPERANÇA é em Rio Verde. Centenas de membros da famosa colônia japonesa do Paraná estão instalados na Gleba Rio Verde, com o mesmo programa que a fez conhecida em todo o Brasil.

SÓ COM MÁQUINAS POSSANTES se constrói tanto como em Rio Verde. Quase 300 quilômetros de rodovias, na Gleba, foram abertos assim. Bem como as ruas da cidade de Ubiratã, verdadeiras ruas de cidade grande.

Quase 800.000 pés de café estão crescendo na Gleba Rio Verde. Os japoneses têm 20 alqueires de hortela, como experiência, com extraordinário resultado. A Gleba Rio Verde tem água em quantidade. Nõ há lote sem água! Qualquer cultura prospera na Gleba Rio Verde.

ALÉM DAS MADEIRAS DE LEI, a Gleba Rio Verde pode orgulhar-se dos padrões de suas terras: grandes palmitais, ortigão, figueira branca, jangada, jaborandi pintado e por aí acima. Para quem entende, está dito tudo!

FAMÍLIAS RESIDENTES em Rio Verde há mais de um ano já colheram: milho (100 a 120 sacas por alqueire), arroz (100 a 120), feijão (90 a 110), batatinha (200), fumo (180 a 200 arrobas por alqueire).

Figuras 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8. Início de Ubiratã, propaganda de venda de terras
Fonte: Arquivo Público Casa da Cultura de Ubiratã

Ubiratã	1.960/70	1.970/80	1.960/70	1.970/80
Urbana	9.900	19.028	22%	32%
Rural	35.100	38.972	78%	68%
Total	45.000	58.000	100%	100%

Quadro I: Taxa de Crescimento Demográfico
Fonte: Prefeitura Municipal (Aproximação)

Atividade 1

A partir dessas informações históricas, procuramos produzir conhecimento histórico. As informações sobre a história local, serviria de base para outras leituras desse processo de ocupação e transformação sócio espacial. Para tanto, apresentamos o seguinte questionário:

1 - Qual o significado do nome Ubiratã?

2 - O uso que os *kaigangues* faziam da madeira era o mesmo que os migrantes advindos na década de 1950? Justifique.

3 - Qual era a população na década de 1950 a 1970? Quais foram os motivos que levaram a esse aumento da população?

4 - De acordo com as imagens, destaque como era a relação entre homem e a natureza naquela época.

5 - Quais eram os argumentos apresentados para divulgar a venda de colônias em Ubiratã?

6 - Em sua opinião, por que o autor das fotografias fez questão de destacar as máquinas? Você acha que uma propaganda atual de cidades paranaenses utilizaria imagens de máquinas? Justifique sua resposta.

7- Que relações podemos produzir entre os índices de crescimento do município ocorridos entre as décadas de 1950 até 1980, com a atividade das colonizadoras? Este índice de crescimento também faz referência a povos indígenas? Justifique.

Atividade 2

Outra atividade indicou a interpretação do hino de Ubiratã**,** e complementou o estudo dos textos citados acima. Assim, os alunos perceberem os ideais de progresso presentes naquela época.

Hino de Ubiratã

Letra e música: Sebastião Lima

No verde planalto floresceu
Ubiratã, imponente e majestosa.
Qual um novo elo que nasceu
Integrando esta terra dadivosa

Bela amada e gentil
Outra mais linda não há
Cantinho feliz do Brasil
A eles nossos louvores
Pelos feitos de intenso labor

Bela amada e gentil
Outra mais linda não há
Cantinho feliz do Brasil
E os caminhos felizes do viver.

Entre os lados do Paraná
Com a marca radiante do sucesso
No caminho rumo ao progresso
Ubiratã estimado rincão
Viverás sempre em nosso coração

Honra e glória aos fundadores
Que nos deram este esplendor
Entre os lados do Paraná

Tuas portas sempre abertas
Prontas estão a receber
Os que buscam rotas certas

Atividade 3

Organizamos um debate com as seguintes questões referentes ao Hino:

1 - O que este hino significou na época?

2 - Destaque qual era o sonho do compositor.

3 - As expectativas atuais dos moradores do município correspondem às expectativas dos pioneiros?

4 - Explicar as palavras progresso e sucesso.

5 - Você acredita que as preocupações com o meio ambiente daquela época eram próximas às atuais? Justifique a sua resposta.

2 Imagens da cidade: relações entre homem e natureza ontem e hoje

O debate teve sequência nas aulas posteriores, com estudo imagético propriamente dito. Na primeira atividade, os textos apresentados eram complementados pelas imagens de época, voltadas a propaganda colonizadora, todavia, a ênfase estava no estudo do texto em si. Agora, o estudo fundamentou-se na análise da imagem.

A fotografia nos impressiona, comove, alegra e nos incomoda. A cada vez que revemos um álbum fotográfico, fazemos toda uma leitura histórica de nosso passado. Este diálogo com a memória se torna rico ao estudo histórico exatamente pela carga de subjetividade que engloba.

Todavia, um cuidado ao utilizá-las como fonte histórica. Historicamente, a fotografia compõe, juntamente com outros tipos de texto de caráter verbal e não-verbal, a textualidade de uma determinada época. Tal ideia implica a noção de intertextualidade para compreensão ampla das maneiras de ser e agir de um determinado contexto histórico: à medida que os textos históricos não são autônomos, necessitam de outros para sua interpretação. Da mesma forma, a fotografia para ser utilizada como fonte histórica, ultrapassando seu mero aspecto ilustrativo – deve compor uma série de leituras. A imagem não fala por si só; é preciso que perguntas sejam feitas.

Seguiremos com discussão a partir da apresentação do estudo de uma das imagens trabalhadas em sala de aula. Trata-se do estudo de uma imagem da década de 1956, emblemática por evidenciar em primeiro plano, dois homens rumando em uma estrada aberta em meio à mata. A seleção e análise dessa fotografia fora construída em fase anterior à aplicação das aulas e constava no caderno pedagógico.

A fotografia foi uma invenção importante desde seu surgimento em 1830, dois nomes importantes como Niépce e Danguerre unidos pela diversão e a mágica, uma soma das ciências e das artes. O ser humano acrescenta na fotografia sua alegria tristeza e seu psicológico, com lembranças históricas, familiar do nosso passado e presente continuando em nosso futuro. Atualmente, os recursos já não são os mesmos, as máquinas estão mais sofisticadas, mas a fotografia nos impressiona nos comove, e nos alegra.

A relação fotografia e história recorre ainda aos domínios de uma história problema, caminho significativo para nosso estudo. Ao abordar as possibilidades metodológicas da utilização de imagens enquanto mais uma das heranças grupo dos Annales, ressalta-se os princípios da interdisciplinaridade e da intertextualidade nos campos de uma história problema. Neste sentido, chega-se a uma análise histórica semiótica da mensagem da imagem:

> [...] por outro lado, a necessidade de se analisar o conteúdo da mensagem fotográfica demanda conceitos de outras disciplinas compondo, assim metodologias coordenadas, tais como uma abordagem histórica semiótica da fotografia. A partir desta perspectiva a fotografia é interpretada como fruto do trabalho humano de produção significa, pautado sobre código convencional socialmente. [...] Estabelecendo assim, uma relação sintagmática, a medida que veicula um significado organizado segundo as regras da produção de sentido nas linguagens não-verbais; e paradigmática, pois a representação final é sempre uma escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis (ESSUS, 1994. p 4).

Figura 05: Avenida Nilza de Oliveira Pepino, 1956
Fonte: Arquivo público Casa da Cultura de Ubiratã

Atividade 4 - Entendendo a fotografia pelo olhar do fotógrafo

Para iniciarmos o debate, indicamos as seguintes questões:

a) Qual (is) são (são) os elementos destacados no primeiro plano da imagem? Existem outros planos?
b) Qual significados o autor da fotografia procurou ressaltar ao focalizar os homens seguindo em frente rumo à estrada?
c) O fato de ter focalizado de certa distância, de maneira a retratar a mata à frente possui algum significado? Qual (is)?
d) O fato da imagem estar em preto e branco indica alguma leitura da fotografia?
e) Você seria capaz de afirmar à época em que a imagem fora produzida caso ela não tivesse uma legenda? Por quê?
f) Qual pode ter sido a intenção do autor da fotografia quando retratou essa paisagem?
g) Qual seria a noção passada pela fotografia sobre a relação entre homem e natureza?

Ainda indicamos aos alunos questões técnicas referentes à análise imagética. Dentre elas, estava a constatação de que a imagem é formada em três planos: o 1º plano: os homens percorrendo a estrada; o 2º plano: a mata ainda fechada; o 3º plano: o horizonte.

De maneira geral, a análise da figura destaca a analogia estabelecida pelos alunos entre progresso e desmatamento. O plano aberto, tendo destaque a mata e o horizonte, influencia tal leitura. Assim, indicam grandiosidade da natureza em relação aos homens (sociedade), a necessidade de rumarem frente a um caminho ainda a ser aberto, ou mesmo a necessidade de continuarem abrindo caminho; a necessidade de se construir a cidade; a busca pelo rio ou seu curso, atrás das matas, possivelmente numa alusão a um processo de desmatamento contínuo.

Os alunos enfatizaram a relação progresso e desmatamento. Todavia, até então não associaram o termo desmatamento a problemáticas ecológicas. Ou seja, “derrubar” seria logo necessário e não recebeu conotação negativa.

Na sequência da atividade os alunos deveriam produzir um texto informativo sobre o período de colonização do município. A ênfase dos textos residiu numa leitura linear e marcada pelas informações da historiografia oficial do município, principalmente informações do site oficial do município e informações trabalhadas nas atividades anteriores citadas acima. Ou seja, lugar formado por pessoas trabalhadoras, destacando as etnias dos colonizadores; lugar de terras férteis, cuja colonização se deu por determinada colonizadora, destaque ainda, a política que cedia terrenos na cidade para compradores de terras na zona rural.

3 Fotografias, cultura e meio ambiente: leituras da construção da cidade de Ubiratã

Baseamo-nos em uma leitura crítica a respeito da construção da noção de progresso, ou da maneira como no passado ligado a colonização regional, os políticos e parte da população adotaram a causa do desbravamento do sertão e construção da cidade. Mas, além da denúncia a esta relação homem e natureza, nossos esforços se concentraram na produção de um estudo processual dessa relação no município de Ubiratã e região, entre as décadas de 1950 aos dias atuais. Assim, procuramos problematizar o próprio entendimento desta relação sociedade natureza e suas mudanças no decorrer dessas cinco décadas.

Podemos perceber que os alunos, na maioria das vezes, utilizavam de discursos ecológicos pra se referirem aos dias atuais, ou seja, a realidade local contemporânea, e do discurso do progresso para se reportarem ao passado (anos 1950 e 1970).

Antes de trabalharmos com imagens compradas (entre momento da colonização e dias atuais), procuramos evidenciar duas questões centrais para a continuidade das aulas. A primeira, de que as problemáticas ambientais não se limitam a preservação da natureza, mas a toda uma gama de questões pautadas no nível econômico, social, cultural e ambiental. E a segunda, de que os discursos, (ou na linguagem mais acessível para a sala de aula, a cultura, costumes e políticas do governo) são negociáveis, de ordem prática e servem as necessidades cotidianas conforme a realidade de um determinado grupo. Neste caso, o discurso do progresso e o discurso da causa ecológica. Para tanto, destacamos o estudo de textos informativos.

Atividade 5

A seguir apresentaremos esse material e seguiremos com resultados dos debates.

Texto I: Reserva legal

Reserva legal é uma porcentagem de matas que os proprietários de terras têm que deixar em sua propriedade dependendo do tamanho da mesma.

Atualmente, alguns agricultores recorrem à compra de terras em outro local para acrescentar à sua propriedade enquanto reserva legal.

Além da questão econômica, as discussões em torno da reserva legal envolvem questões culturais. Alguns agricultores mais velhos, que vivenciaram o desmatamento e transformação da região a partir da década de 1950 questionam a cobrança do Estado pela preservação da reserva legal. Nas décadas anteriores não deixaram a reserva correta, pois não eram tão cobrados como hoje. Devemos nos lembrar de que, naquele momento, o governo incentivava a derrubada e o plantio de matas nativas, em nome do progresso.

O Sindicato Rural Patronal de Ubiratã tem realizando, na última década, encontros em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e a Federação de Agricultura do Estado do Paraná (FAEP), para discutir questões que envolvem a reserva legal, bem como o Decreto Ambiental (Lei 6.514/99), Legislação Ambiental. Como podemos perceber, trata-se de uma questão de conscientização, pois a realidade de nossa região e do próprio planeta já não é a mesma de algumas décadas atrás, mas também deverão ser analisadas questões econômicas e culturais, considerando-se a realidade dos agricultores e o incentivo de diálogo e de políticas viáveis aos agricultores. http://ovaledopiquiri.blogspot.com

Reflita:

a) O que significa afirmar que, além de uma questão econômica, a reserva legal envolve uma questão cultural?

b) Os mananciais de seu município e as matas ciliares correspondem às expectativas de sustentabilidade no meio ambiente?

Esta discussão se encaminhou através de leituras, explicações, comentários gerando atividades orais e escritas, coma participação de todos em sala de aula.

Texto II: Manejo Florestal: preocupação com o ambiental, com o econômico e com o social

O manejo florestal é a melhor forma de exploração extrativista, pois a utilização de matas ou florestas passa por todo um cuidado de mapeamento para se localizar onde e quanto poderá ser explorado do local sem se causar desequilíbrio. Além disto, as técnicas utilizadas no treinamento de trabalhadores e os equipamentos, aliados à prática de se preservar as árvores para sementes possibilitam, quando somadas à técnica de reflorestamento que a floresta – fauna e flora- se regenere em algumas décadas (BOFF, 2005).

Texto III: Ecologia não é apenas plantar árvores!

A Ecologia envolve os estudos dos seres humanos e o meio ambiente.

Existe uma ideia de que ecologia e meio ambiente é a mesma coisa, pois estão intimamente relacionados. No entanto, há importantes distinções a salientar. A Ecologia modernamente deve ser entendida enquanto ciência que relaciona estudos ou preocupações fundamentados num tripé: meio ambiente economia e social.

“A Ecologia dedica-se aos estudos científicos entre os seres vivos e o meio ambiente encarregando-se de sua fisiologia alimentar, reprodutiva, como os fatores físicos que influem sobre a temperatura são: a pressão atmosférica, a natureza do solo e as condições do meio aquático, pois é uma ciência multidisciplinar”. (Revista do estudante, 1993, São Paulo: Brasiliense)”.

Assim, não se trata apenas de preservar ou de reflorestar, mas aliar estas preocupações com geração de emprego e renda (Boff, 2000).

A importância do ar que respiramos como podemos fazer a diferença, a economia da água, a coleta seletiva e a limpeza de nossas casas, ruas e da cidade, para termos um mundo melhor.

Retomando nossas propostas metodológicas, temos a seguinte referencia:

Primeiramente, trabalho com anúncios da colonizadora e com o Hino Municipal para problematizarmos o ideal de progresso presente na historiografia oficial; segundo, atividades com imagens da colonização, um primeiro momento para as metodologias específicas do trabalho imagético e novamente, problematizamos a relação colonização, progresso e meio ambiente; num terceiro momento procuramos retratar questões diretamente relacionadas com as problemáticas ambientais, destacando possíveis leituras da relação sociedade e natureza, com o debate sobre reserva legal, manejo florestal e o moderno conceito de ecologia.

Nesta atividade evidenciamos o tripé que fundamenta a relação entre desenvolvimento social e preservação ambiental, ou seja, questão ambiental, econômica e social e com isso procuramos romper com uma visão "romantizada e simplista da "causa ecologia", presente, como constatamos entre os alunos". Por fim, aplicamos as atividades destacadas na sequência do texto, atividade central para a construção do projeto, ou seja, de imagens comparadas entre a cidade entre décadas de 1950-2012, tendo ênfase, mais uma vez, a relação História e meio ambiente.

Atividade 6 - compare as imagens

Figuras 06 e 07: Lago Municipal
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 08: Câmara Municipal.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

09: Panorâmica de Ubiratã
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 10: Praça da Produção
Fonte: Arquivo pessoal da professora

Agora, em grupo, reflita e responda:

Selecione uma das imagens e responda o quadro a seguir:

1 - A paisagem retratada apresenta pessoas?

2 - Que tipo de sujeitos utiliza esses lugares? Em qual hora do dia?

3 - Quais são os elementos naturais da imagem? E os artificiais?

4 - As construções são recentes? Foram criadas para qual finalidade?

5 - Quais elementos, encontram-se no primeiro plano (ou seja, no foco) da imagem, um elemento natural ou um elemento artificial?

6 - Quando possivelmente a imagem foi retratada? Justifique.

7 - Esse lugar poderia servir de propaganda para essa cidade? Justifique.

8 - Você acredita que as leis que regem essa cidade estão preocupadas com questões ambientais? Justifique.

9 - Imagine agora se você tivesse algumas propriedades nessa cidade e fosse utilizar essas imagens para divulgá-las. Neste, você faria uma propaganda com os mesmos argumentos da propaganda apresentada nas figuras 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8? Justifique sua resposta.

Em linhas gerais, novamente, o verde das fotos contemporâneas, a natureza exuberante é retratada como necessidades para uma vida organizada, ordeira, e feliz. Muitas respostas foram nesse sentido. O interessante refere-se ao fato dessa leitura ser apropriada quando se estudavam imagens referentes ao cotidiano, ao hoje, sem que os alunos estabelecessem as mesmas leituras das imagens referentes ao contexto da colonização regional.

4 Proposta para trabalho de pesquisa: imagens da cidade e o estudo histórico

A construção da memória está relacionada à tradição de selecionar o que lembra, como lembrar e de quem lembrar nesses processos dinâmicos nos quais se definem nome de ruas, bairros, cidades, escolas, praças, estátuas, datas cívicas, calendários comemorativos homenageando pioneiros e heróis das cidades.

A distinção entre fatos e filosofia, de acordo com Portelli (1996), é um bom exemplo de uma interpretação questionável de memórias, de fontes e de experiências históricas, além da divisão do trabalho das fontes e a intelectualidade do historiador e do sociólogo. As fontes são pessoas e não apenas documentos.

A representatividade das fontes orais e da memória se mede pela capacidade das experiências imagináveis. Elas não são experiências comuns, mas sim compartilhadas; reais e imaginárias, pois cada pessoa é diferente da outra, mesmo tendo muita coisa em comum, buscando tanto a semelhança como a diferença representando a realidade dos fatos. Às vezes ficam no silêncio e no esquecimento as lutas pela terra; o levante comunista de 1949 não é lembrado.

Todas estas preocupações também nos permitem lançar uma ponte entre a subjetividade individual e aquela que vai mais além do indivíduo. De fato, os textos, tanto os relatos orais como os diálogos de uma entrevista, são expressões altamente subjetivas e pessoais, como manifestações de estruturas do discurso socialmente definidas e aceitas. Por isso, é possível através dos textos, trabalhar com a fusão do individual e do social, com expressões subjetivas e práxis, objetiva articulada de maneira diferente e que possuem mobilidade, em toda narração ou entrevista, ainda que, dependendo das gramáticas, possam ser reconstruídas apenas parcialmente (PORTELLI, 1996).

A partir desta postura, produzimos a última etapa do projeto de intervenção. A proposta desta etapa das aulas, conforme havíamos fundamentado no caderno pedagógico, era a de organizar junto com a turma a construção de um acervo fotográfico com imagens comparadas da década de 1950 e dos dias atuais. As principais problemáticas da atividade serão

apresentadas a seguir. As imagens registradas por diferentes olhares, num processo marcado por ideologias e interesses remetem-nos ao lido com as memórias. Especificamente, todas as problemáticas do projeto de intervenção pautam-se nas leituras de imagens. E uma das formas de lê-las reside justamente no trato de memórias.

Primeiro passo:

As fotografias foram, quando possível, legendadas com informações sobre seus donos, quando foram fotografadas, como estão guardadas. Após a classificação por década, contrastar dois grandes grupos de imagens: o primeiro, com imagens que representem discursos da “destruição da natureza” em nome do progresso; o segundo, com imagens que destaquem a preservação ambiental. As legendas das fotografias foram complementadas ou com notícias de jornais de época, que destacavam o incentivo ao desmatamento ou, com notícias e textos que denunciavam o desmatamento.

Segundo passo:

Os alunos realizaram questionários com as pessoas que emprestaram as fotografias respondendo questões que se relacionem com os discursos de época sobre a relação homem e meio ambiente, e demonstraram com citações dessas entrevistas os diferentes posicionamentos sobre essa relação, e em especial, como o discurso mudou entre as décadas que marcam o recorte temporal de nossa pesquisa (1950-2010).

Terceiro passo:

Os alunos organizaram um debate no colégio envolvendo outras turmas. O projeto foi terminado com uma visitação a lugares do município nas aulas puderam perceber os impactos das políticas passadas e das contemporâneas.

Quarto passo:

Estas atividades ocorreram tranquilamente, pois, com as fotos antigas, álbuns de famílias eles puderam observar trajes diferentes, penteados, sapatos, jóias e até o semblante das pessoas, eram diferentes das fotos de agora.

Quinto passo:

Quanto à visitação na Praça da Produção, a qual tem duas mãos erguidas com alimentos produzidos em Ubiratã, lá os alunos se sentiram sujeitos da história, pois a maioria são filhos de agricultores. No lago tivemos a oportunidade de colocar nossas aulas em prática, no que se refere às paisagens naturais e modificadas, a natureza e ao criador. Para nós, foi um laboratório a céu aberto tendo até uma mini-ilha.

5 Considerações finais

O presente artigo procurou evidenciar as principais problemáticas da aplicação do projeto - Imagens e discursos da cidade: estudo comparado de fotografias sobre a construção da cidade de Ubiratã (década de 1950 - dias atuais). A partir de práticas e discursos ambientais, buscou despertar no aluno o interesse pela pesquisa da história local tendo a fotografia como mediação; mostrar como pesquisar jornais, revistas, mapas, gráficos, internet e fotos antigas em álbuns de família, bem como compreender o histórico de seu município, estudando os problemas culturais, econômicos, sociais e ambientais da colonização até nossos dias, pois o desafio e o resgate de valores fazem a diferença no local que vivemos.

O desenvolvimento deste trabalho teve como objetivo despertar no educando o conhecimento, o gosto e o orgulho pelo seu município. Um olhar de respeito a tudo o que a natureza nos oferece e a tudo o que o homem modificou durante estes anos, em nome do progresso.

O debate sobre conceitos como ecologia, meio ambiente, manejo, progresso, entre outros, além de toda uma discussão a respeito do significado e usos de fontes históricas, fundamentou o estudo histórico da transformação do município, a partir de cruzamento de diversas fontes com as fotografias. O envolvimento dos alunos demonstrou como estes caminhos metodológicos contribuem para a produção (e não apenas a reprodução) do conhecimento histórico.

REFÊRENCIAS

BOFF, Leonardo. **Grito da terra, grito dos poderes.** São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Contradição Capitalismo / Ecologia.** Rio de Janeiro: Ática, 2005.

HOSS, N. MARTINS, K. **AVENTURA do aprender -** História e Geografia de Ubiratã. 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

MAUAD, A. M. **A História Através da Imagem Fotográfica**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, v. 1, n. 2, 1996.

NUNES, M. E**. Primeiro Plano Municipal de Educação e Cultura.** Ubiratã, PR Prefeitura Municipal de Ubiratã, 1978.

PORTELLI, A. **A Filosofia e os Fatos.** volume 01. Rio de Janeiro: Cortez, 1996.

REVISTA PARANAENSE DOS MUNICÍPIOS - Ubiratã, especial 25 anos de progresso, 1986.

SAMUEL, R. **Sua História Local, História Oral.** Revista Brasileira de História. São Paulo. v. 9, nº 19, p. 220-243, fev, 1990.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** Cidade: editora, ano de publicação. Editora Scipcione.

SEED/PR. **Diretriz Curricular da Rede Pública e da Educação Básica do Estado do Paraná.** Curitiba, 2008.

SPERANÇA, Alceu; SPERANÇA, Regina; CARVALHO, Celina Coarem. **Ubiratã História e Memória**. Ubiratã, PR, 2008.

http://ovaledopiquiri.blogspot.com. Acesso dia 20/05/2012 as 19:00 hrs.